

IMAGINÁRIOS COLETIVOS DE YOUTUBERS SOBRE SER ADULTO

Vanessa Tonon Calderelli Winkler
Gustavo Renan de Almeida da Silva
Beatriz Figueiredo Lorenzon
Leticia Batista Caldeira
Camila Sakamae Pietro
Fernanda Di Domenico Colaço
Maria Beatriz Koelle
Gabriela Formmaggioni
Gabriela Martins Bomfim
Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo: O presente estudo objetiva investigar imaginários coletivos de *youtubers* sobre ser adulto na atualidade. Justifica-se na medida em que na transição para a vida adulta são vivenciadas transformações, em âmbito individual e coletivo, que podem gerar sofrimento emocional. Configura-se metodologicamente como estudo qualitativo, com o uso do método psicanalítico, no qual utilizamos como material quatro vídeos disponibilizados no *YouTube* sobre ser adulto. A consideração do material, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, permitiu a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional: “Faça o que eu digo”, “Modelo fraudulento” e “Eu também sei das coisas”. O quadro geral aponta para um diálogo intergeracional, crítico e queixoso, que indica que o jovem adulto sente que a geração mais velha não foi sincera nem é capaz de valorizar o conhecimento e as capacidades dos mais novos, num movimento que parece consistir em culpabilizá-la pelas dificuldades que enfrentam.

Palavras-Chaves: Imaginários coletivos, sofrimento social, psicanálise, vida adulta.

Introdução

As rápidas mudanças relacionadas às escolhas profissionais, bem como as novas configurações interpessoais, familiares e afetivas, tornam a passagem para a vida adulta, na contemporaneidade, um processo bastante complexo (Dávila & Ghiardo, 2012; Guerreiro & Abrantes, 2005; Aparício-Castillo, 2013; Ribeiro, 2014; Vieira, 2008; Vieira et

al., 2017). Tal configuração se traduz, na experiência da clínica psicológica, por meio de demandas de jovens adultos que buscam atendimento por diferentes motivos, que se traduzem, muitas vezes, como quadros psicopatológicos associados a ansiedades, depressões, manias, ideações suicidas recorrentes e, em casos mais extremos, até mesmo como suicídios (Campos, 2016; Oliveira, 2009; Neves & Dalgalarrodo, 2007; Xavier, Nunes, & Santos, 2008).

Quando adotamos a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta de Bleger (1963/2007), articulando-a com algumas contribuições fundamentais do pensamento winnicottiano, segundo a qual o ambiente desempenha importante papel na experiência emocional de indivíduos e coletivos humanos. Um aspecto importante do ambiente consiste no que vem sendo designado como imaginários coletivos, que são mundos vivenciais que se organizam conforme crenças/ fantasias socialmente produzidas e compartilhadas. Conhecer imaginários coletivos pode contribuir para uma maior compreensão dos sofrimentos emocionais que atingem as pessoas em determinados contextos macrossociais, orientando intervenções psicoprofiláticas e psicoterapêuticas.

Os imaginários coletivos podem ser acessados de vários modos, seja por meio de entrevistas de participantes, seja por meio de estudos de produções culturais, como filmes, peças teatrais, artes plásticas ou produções literárias. Desde o advento da web, uma rica fonte de material de pesquisa sobre imaginários tem revelado uma extraordinária potencialidade heurística, na medida em que se presta ao estudo de variadas manifestações pessoais de internautas. Diante dessa possibilidade, definimos, como objetivo da presente pesquisa, investigar imaginários coletivos sobre ser adulto por meio de vídeos do *YouTube*.

Fundamentação e Procedimentos Metodológicos

Quando praticamos a atividade clínica e de pesquisa a partir da perspectiva da psicologia clínica concreta, que se inspira nas contribuições de Politzer (1928/2004) e Bleger (2017/1963), percebemos que os dramas se configuram de acordo com a sobreposição de marcadores sociais. Dessa forma, mantemos uma profunda afinidade com o conceito de interseccionalidade, ao compreender que diferentes marcadores sociais, tais como raça e gênero, por exemplo, podem se sobrepor e potencializar sofrimentos significativos (Crenshaw, 2012). Tal percepção ganhou força no campo das ciências sociais e vem sendo produtivamente utilizada em nosso grupo de pesquisa (Assis, Winkler & Aiello-Vaisberg, 2017; Assis, Aiello-Fernandes, & Aiello-Vaisberg, 2016; Aiello-

Fernandes et al., 2016). Acreditamos que o uso de deste conceito é extremamente útil quando se busca produzir conhecimento de modo concreto.

Sendo assim, usamos referenciais teóricos-metodológicos que valorizam o drama vivido politzeriano e focalizam a dimensão afetivo-emocional e os contextos macrossociais em que a transição para a vida adulta está inserida (Bleger, 1963/1984). Ao partirmos do pressuposto de que todo e qualquer ato humano está inserido em contextos sociais, históricos, geopolíticos e culturais, entendemos que, em sentido amplo, todo sofrimento emocional deve ser considerado como sofrimento social. Assim, compreendemos que a psicologia psicanalítica concreta tem muito a contribuir, no sentido de propor ações psicoprofiláticas e interventivas voltadas para o cuidado das pessoas envolvidas no processo de tornar-se adulto, uma vez que esse pode ser causa de intenso sofrimento.

Esta investigação configura-se como estudo qualitativo e empírico, com o uso do método psicanalítico. Visando cumprir os procedimentos de pesquisa, alinhados com a proposta de Ambrósio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2013), às indicações metodológicas de Bleger (1963/1984) e contribuições de Herrmann (1979/1991), operacionalizamos o método psicanalítico em termos de procedimentos investigativos. São estes: 1) procedimento investigativo de levantamento e seleção do material; 2) procedimento de interpretação dos campos de sentido afetivo-emocional e 3) procedimento de interlocuções reflexivas.

Visando cumprir o procedimento investigativo de levantamento e seleção do material, buscamos no site de compartilhamento de vídeos *Youtube* audiovisuais nos quais figuram jovens que discorrem sobre o tema “o que é ser adulto”. Privilegiamos vídeos que tratassem do assunto em forma de depoimento espontâneo, excluindo aqueles cujo conteúdo manifestasse propagandas, vídeo-aulas e/ou edições profissionais. Essa busca resultou em quatro vídeos, que foram considerados a partir dos procedimentos investigativos que utilizamos em nossas pesquisas.

Tendo em vista atender ao requerido pelo procedimento investigativo de interpretação do material, todos os integrantes do grupo assistiram aos vídeos, individualmente, e confeccionaram narrativas transferenciais individuais, nas quais registram suas vivências emocionais frente ao material. Tais narrativas foram posteriormente transformadas em um único texto de impacto transferencial (Aiello-Fernandes, 2013). Além disso, foram realizadas várias conversas grupais, com finalidade de favorecer a livre expressão das ideias e dos conteúdos emocionais suscitados pelo encontro com o material, segundo as palavras de ordem metodológicas de Herrmann (1979/1991): “deixar que surja”, “tomar

em consideração” e “completar a configuração de sentido”. Por esta via cumprimos o requerido pelo procedimento investigativo de interpretação de interpretação dos campos de sentido afetivo-emocional. Na medida em que a atividade interpretativa é criativa e criadora por excelência, mas não arbitrária, considera-se que ao mesmo tempo em que o encontro tem caráter revelador, deve-se não poupar esforços no sentido de atribuir ao fenômeno estudado sentidos que não podem estar aí contidos.

Por fim, cessamos o cultivo de atenção flutuante e associação livre para cumprir o requerido pelo procedimento investigativo de interlocuções reflexivas, correspondendo ao que usualmente é denominado como discussão de resultados. Essa etapa consiste em um trabalho intelectual de cunho reflexivo-dialógico sobre os campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados, isto é, acerca dos resultados interpretativos da pesquisa, com a finalidade de produzir conhecimento sob um modelo compreensivo e intersubjetivo. Com tal fim em vista, articulamos as interpretações, resultantes do uso do método psicanalítico, com a psicologia concreta e o pensamento de outros autores, psicanalistas ou não, que se interessam por questões apontadas pelos campos.

Campos de sentido afetivo-emocional

A utilização do método psicanalítico no material estudado permitiu a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional:

1 - “Faça o que eu digo”

O campo de sentido afetivo-emocional “Faça o que eu digo” organiza-se ao redor da crença de que os mais jovens não possuem habilidades e/ou esperteza necessárias, cabendo aos mais velhos tomar decisões por eles.

2 - “Modelo fraudulento”

O campo de sentido afetivo-emocional “Modelo fraudulento” organiza-se ao redor da crença de que adultos vendem uma imagem falsa sobre si mesmos.

3 - “Eu também sei das coisas”

O campo de sentido afetivo-emocional “Eu também sei das coisas” organiza-se ao redor da crença de que os jovens podem, a partir de recursos próprios, fazer escolhas autênticas mesmo em uma sociedade pouco acolhedora.

Reflexões Preliminares

A consideração reflexiva do campo de sentido afetivo-emocional “Faça o que eu digo” indica que as produções dos *youtubers* expressam a crença de que os adultos buscam construir um ambiente que atenda às necessidades da nova geração, para protegê-los dos perigos do mundo, mas, desse modo, acabam por agir de modo autoritário. Relacionando-se com adultos que assumem tal postura, a transição para a vida adulta pode se tornar mais difícil.

O campo “Modelo fraudulento” expressa um imaginário em que os jovens se sentem enganados pelos adultos, na medida em que estes passam uma imagem distorcida de si mesmos e ocultam suas próprias dificuldades. Na situação aqui imaginada, os jovens podem se deparar com o desamparo, a decepção e a desesperança, que podem ser vividos como sofrimento.

O terceiro campo de sentido afetivo-emocional, “Eu também sei das coisas”, associa-se fortemente ao primeiro campo, negando-o. Além disso, conversa, também, com o segundo campo, na medida em que o saber defenderia o jovem da falta de sinceridade dos adultos. Aqui se expressa a busca por liberdade e autonomia, permitindo que o jovem tanto confronte o que vivencia como falta de confiança em sua capacidade, conforme o campo “Faça o que eu digo”, como escape de ser enganado, conforme o campo “Modelo fraudulento”. A busca por liberdade e autonomia provavelmente se faz acompanhar por medos e inseguranças, mas também favorece a conquista de um ser e fazer autêntico e espontâneo (Winnicott, 1975; 1965/1982; 1945/2000). Trata-se de uma visão que se harmoniza com a ideia de Bleger (1966) quando afirma que aprendizagens significativas poderiam ensejar mudanças nos modos de ser e estar no mundo, introduzindo novas formas de pensar, agir e sentir.

Sendo assim, o quadro geral indica que os dois primeiros campos equivalem a um diálogo intergeracional, crítico e queixoso. No terceiro campo, por outro lado, notaríamos sinais de um movimento de autonomia e valorização das potencialidades do jovem adulto, que deixaria de esperar que soluções sejam fornecidas pelos mais velhos, mas que, por outro lado, resolveria tudo de modo solitário. Em conjunto, os campos de sentido afetivo emocional expressam situações relacionais que provocam sofrimento emocional significativo na medida em que indicam frustração de expectativas de que os adultos assumam posicionamentos acolhedores que lhes permitam tornar-se figuras de referência e de apoio, sem assumir posturas autoritárias.

O primeiro campo, “Faça o que eu digo” aponta uma questão importante, relativa à demanda de que o jovem assuma atitudes submissas, curvando-se diante de um adulto

que se crê melhor preparado e mais amadurecido. Ora, a submissão é uma questão altamente relevante, na medida em que se contrapõe à possibilidade do jovem assumir à possibilidade do jovem esboçar gestos espontâneos, a partir dos quais possa se sentir vivo, autêntico e real (Winnicott, 1975; 1965/1982; 1945/2000).

Referências Bibliográficas

- Aiello-Fernandes, R. (2013). *“Da entrada de serviço ao elevador social”*: racismo e sofrimento. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Aiello-Fernandes, R.; Rosado, A. F. P.; Freitas, D. D.; Feriani, G. P.; Morelli, I. D. R.; Carvalho, J. M. T.; Silva, L. A. C.; & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Cidade de Deus”: Imaginários coletivos sobre racismo. In: *Anais da XIV Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e pesquisas* (pp. 361-371). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Ambrósio, F. F., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. *Anais da XI Jornada Apoiar: adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*. São Paulo, SP, Brasil, 11.
- Aparício-Castillo, P. C. (2013). Educar e trabalhar em contextos de precariedade e desigualdade na América Latina. Jovens em debate. *Revista Latino-Americana de Ciências Sociais, Infância e Juventude*, 11(2), pp. 527-46. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2013000200006&lng=en&tlng=es. Acesso em: 5 de nov. de 2018.
- Assis, N. D. P., Winkler, V. T. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). “Vazio interior”: imaginários de estudantes de psicologia sobre o sofrimento da menina adolescente. *XV Jornada Apoiar “o Procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso”*. São Paulo, SP, Brasil, 15.
- Assis, N. D. P., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Problemáticos ou invisíveis”: O imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum* (Belo Horizonte), 31, pp. 259-75.
- Bleger, J. (1984). *Psicologia da conduta* (E. de O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicado em 1963).
- Bleger, J. (1966). *Psicologia institucional e psico-higiene*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Campos, C. R. F. (2016). *Perfil sociodemográfico, clínico e acadêmico de estudantes universitários que passaram por atendimento psiquiátrico no Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante da Universidade Estadual de Campinas (SAPPE-Unicamp) entre 2004 e 2011*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas-SP). Retirado de: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321049>.
- Crenshaw, K. (2012). *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. Recuperado em 29 outubro, 2018, de www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf
- Dávila, O., Ghiardo, F. (2012). Transições para a vida adulta: Gerações e mudanças sociais no Chile. *Na última década*, 20(37), pp. 69-83. doi:10.4067/S0718-22362012000200004.
- Guerreiro, M. D. D., & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: Processos de transição na modernidade avançada. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20(58), pp. 157-212.
- Herrmann, F. (1991). *O método psicanalítico*. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicado em 1979).
- Neves, M. C. C., & Dalgalarondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(4), pp. 237-44.
- Oliveira, M. L. C. (2009). *Caracterização sócio-demográfica, acadêmica e clínica dos estudantes atendidos no serviço de assistência psicológica e psiquiátrica ao estudante (Sappe) de 1987 a 2004*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas-SP). Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/308732>
- Politzer, G. (2004). *Críticas dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise* (M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad.). Piracicaba: Editora Unimep. (Obra original publicada em 1928).
- Ribeiro, C. A. C. (2014). Desigualdades nas transições para uma vida adulta no Brasil (1996 e 2008). *Sociologia & Antropologia*, 4(2), pp. 433-73. doi:10.1590/2238-38752014v426.
- Tachibana, M., Ambrósio, F. F., Beaune, D., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a interrupção da gestação. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 17(2), 285-297.

- Vieira, J. M. (2008). Transição para a vida adulta no Brasil: Análise comparada entre 1970 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 25(1), pp. 27-48. doi:10.1590/S0102-30982008000100003.
- Vieira, E. M., Bousquat, A., Barros, C. R. dos S., & Alves, M. C. G. P. (2017). Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuários do SUS. *Revista de Saúde Pública*, 51(25). Epub. doi:10.1590/s1518-8787.2017051006528.
- Xavier, A., Nunes, A. I. B. L., Santos, M. S. (2008). Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. In: *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 8(2), pp. 427-51.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1965).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1945).

Anexo - Texto de impacto transferencial

De repente, sem nenhum aviso prévio, caio de paraquedas em um lugar bastante escuro. “Ué, onde estou?”, pergunto-me. Céus, não consigo ver nada... Cadê meu quarto e toda a segurança do meu lar?

Começo então a tatear o ambiente, em procura de algo que ainda não sei o que é. Algumas coisas são gostosas de se tocar, outras me assustam. Existem também aquelas que nem mesmo consigo distinguir para que servem.

No meio de toda esta bagunça, reconheço um pequeno interruptor. Ufa! Meu coração dispara, é um misto de ansiedade e alívio. Com um rápido clique, as coisas logo se iluminam.

Continuo confuso sobre o que é este lugar, como vim parar aqui. Todavia, já posso enxergar e isso é uma grande diferença! Vejo na minha frente muitas mesinhas, cada qual com um adulto debruçado. Aproximo-me de uma delas, curioso, querendo compreender o que está acontecendo ali...

“O que você está fazendo?”, pergunto para um dos adultos. “Desculpa, não tenho tempo para lhe explicar nada. Preciso costurar essas fantasias”, ele me responde.

Noto, então, que todos repetem os mesmos movimentos. Agulhas e linhas à mão, gestos incessantes de “costura-costura”. Com os olhares vagos, fitam as fantasias recém-fabricadas de seus super-heróis.

“Por que vocês estão costurando essas fantasias?”, indago outro deles. “Desculpa, não tenho tempo para lhe explicar nada. Preciso costurar mais fantasias”, ele me responde abruptamente.

Ah, esses adultos, sem paciência e sem tempo, que raiva sinto deles... Vislumbro um grande portão e resolvo partir. Contudo, para minha surpresa, a resposta que tanto queria viria logo à seguir.

Super-heróis e crianças, fora daquele galpão era assim. Recordo-me, então, dos meus próprios pais fantasiados, uniformizados, protegendo-me de tudo, em um mundo em que não podia existir kryptonitas...

“Ei, você”. Inesperadamente, meus devaneios são interrompidos. Olho para um desses super-heróis, o qual prossegue: “Por que não está fantasiado?”.

“Fantasiado? Eu?”, questiono-lhe expressando minha dúvida. “Sim, você. Entre e pegue uma fantasia!”, ordena ele.

Conforme requerido, volto para o galpão. Porém, quando peço uma fantasia para um dos adultos, ele responde sem ao menos levantar os olhos para mim: “São cinquenta reais”. “Cinquenta reais? Como assim? Não tenho todo esse dinheiro”, logo retruco.

Fico com mais dúvidas do que certezas neste momento. Como conseguiria tal valor, se nem trabalho tinha.... Então vejo a mão do adulto esticada, segurando um papel todo dobrado. Pego e abro. Trata-se, pois, de uma “receita”.

Fluxograma da vida:

- 1. Nasça*
- 2. Estude, estude, estude (seja sempre grato por poder estudar!)*
- 3. Trabalhe na fábrica para comprar sua própria fantasia*
- 4. Vista-se de super-herói*
- 5. Saia do galpão*
- 6. Case, tenha filhos e bons vínculos*
- 7. Proteja e divirta os outros, até padecer*

“Nossa, que vida chata e travada”, digo sem nem perceber. “Confie em mim, sei das coisas”, retruca o adulto. “Você é novo demais para pensar ou querer algo diferente disso”, complementa ele.

Não digo nada, mas em minha cabeça há um pequeno protesto: “eu também sei das coisas!”. Nesse instante, tenho a certeza de que não é essa a vida que quero para mim. Decido sair da fábrica, sem fantasia ou máscaras, sendo vigiado pelo olhar pasmo de quem assiste de longe...

Hoje caminho à minha maneira. Conheci no mundo, para minha surpresa, outros sem-fantasia, não-heróis como eu, que também decidiram traçar seus próprios caminhos. Atualmente posso dizer que, se tem uma coisa que sei, é que ser adulto não me impede de ser menos autêntico – e igualmente feliz com minhas próprias decisões!